

O Mar Não Está Para Peixe - Mas a Gente Continua Nadando

Por Eduardo Woetter · Publicado em 08/06/2026

Hoje é o Dia Mundial dos Oceanos. Entre a falta de saneamento básico na nossa esquina e o derretimento das calotas polares, fica a pergunta: como não abraçar o cinismo? A resposta pode estar na volta improvável de um cavalo-marinho.

Versão online e eventuais atualizações:

<https://woetter.com/post/dia-mundial-dos-oceanos-saneamento-aquecimento-global>

O alarme toca. Você arrasta o dedo pela tela do celular com aquela destreza apática que só os moradores das grandes cidades possuem nas primeiras horas da manhã. Entre uma notificação de banco e um e-mail com a palavra “urgente” no assunto, o calendário digital avisa, quase num sussurro culposos: hoje é o Dia Mundial dos Oceanos. A data soa grandiosa, cinematográfica. Evoca documentários narrados por vozes profundas, imagens de baleias azuis cortando águas cristalinas e recifes de corais que parecem cidades submersas pintadas a neon. É o tipo de efeméride que faz a gente querer vestir uma camisa de linho branco, olhar para o horizonte e refletir sobre a imensidão azul que cobre setenta por cento do nosso planeta.

Mas aí você levanta, pisa no chão frio do apartamento, abre a janela e dá de cara com a realidade cinza de um dia útil. O ar cheira a escapamento de ônibus e asfalto quente, não a brisa marinha. Ao abrir a torneira para escovar os dentes, a água sai com aquela cor ligeiramente duvidosa, um lembrete sutil e diário de que o conceito de saneamento básico, em pleno século vinte e um, ainda é tratado por muitas autoridades como um artigo de luxo, uma lenda urbana, ou pior, uma promessa de campanha que expira logo após a contagem dos votos. É nesse choque entre o épico e o banal que a gente vive.

Comemorar o Dia Mundial dos Oceanos enquanto se mora em uma cidade que não consegue decidir o que fazer com o próprio esgoto é, no mínimo, um exercício de ironia pesada. Existe uma esquizofrenia coletiva na forma como lidamos com o meio ambiente. A gente curte a foto do ativista no Instagram, assina petições virtuais com a urgência de quem desarma uma bomba, e debate calorosamente sobre a necessidade de regulações ambientais mais rígidas. No entanto, aceitamos com uma resignação quase anestesiada o fato de que rios inteiros cruzam nossas metrópoles servindo como lixeiras a céu aberto. O descaso das autoridades com o saneamento básico não é apenas uma falha administrativa; é um sintoma crônico de uma sociedade que aprendeu a varrer a sujeira, literalmente, para debaixo da água.

E como se a incompetência local não fosse o suficiente para preencher a nossa cota de angústia diária, temos o palco principal: o aquecimento global. Esse termo deixou de ser um alerta de cientistas em laboratórios para se tornar a manchete constante que a gente finge não ver para conseguir dormir à noite. Os efeitos do aquecimento global são como uma série

de desastres em dominó, onde cada peça que cai faz um barulho mais assustador que a anterior. Os recifes de corais, que costumavam ser os pulmões coloridos do fundo do mar, estão passando por um processo de branqueamento, transformando-se em cemitérios calcários. É uma morte silenciosa e esteticamente trágica.

Enquanto isso, nos extremos do planeta, o degelo das camadas de gelo nos polos dita o ritmo de uma contagem regressiva que ninguém sabe exatamente quando termina. O drama dos ursos polares tentando equilibrar suas toneladas em blocos de gelo que encolhem a cada verão já virou quase um clichê da tristeza contemporânea. No sul, os pinguins enfrentam a quebra de seus ecossistemas, perdendo território e alimento. E, como a natureza não sabe o que é fronteira, o resultado dessa equação derretida bate na nossa porta com o aumento do nível do mar, engolindo faixas de areia, destruindo orlas e provando que a água sempre toma de volta o que é dela.

Para temperar o caos, o El Niño resolve aparecer, bagunçando as estações do ano como se estivesse embaralhando cartas marcadas. A gente sente na pele. É o inverno que pede ar-condicionado, é a tempestade tropical no mês que deveria ser seco. O aquecimento global e seus capangas climáticos nos colocam em um estado de alerta perpétuo, e a sensação de impotência é esmagadora. Você olha para o canudo de papel desmanchando no seu café gelado e pensa: será que esse meu sacrifício incômodo está realmente compensando as toneladas de lixo industrial sendo despejadas sem cerimônia naquele exato segundo? A resposta óbvia gera um cinismo profundo.

Mas o cinismo, por mais tentador e intelectualmente confortável que seja, é um beco sem saída. É aí que a narrativa precisa de uma curva. Porque, se a humanidade é brilhante na arte da destruição negligente, a natureza é absolutamente genial na arte da sobrevivência.

No meio desse cenário que mistura descaso, aquecimento global e falta crônica de saneamento básico, a gente tropeça em faíscas de esperança que desarmam qualquer pessimismo. Pegue, por exemplo, o caso da Baía de Guanabara. Durante décadas, ela foi o garoto-propaganda do desastre ambiental brasileiro, um espelho d'água lindo de longe, mas letal de perto, sufocada por esgoto e promessas políticas vazias. Contudo, relatórios recentes começaram a mostrar áreas de balneabilidade. Pessoas voltando a nadar em trechos que antes eram impensáveis.

A natureza não precisa de muito para tentar voltar ao normal. Apenas o cessar temporário da nossa agressão já é suficiente para que ela respire. A prova mais lírica disso foi a volta dos cavalos-marinhos flagrados nas águas da Urca. Cavalos-marinhos são bioindicadores exigentes; eles não frequentam águas arruinadas. Ver esses animais quase mitológicos ancorados ali, balançando suavemente perto da mureta onde a gente bebe cerveja, é de uma poesia absurda. É a natureza dizendo que ainda dá tempo.

E não é um caso isolado. Se você olhar com atenção, há outros ecos de recuperação. As baleias jubarte, que quase foram apagadas do mapa pela caça indiscriminada no passado, estão voltando à costa brasileira em números que quebram recordes a cada temporada, transformando

o litoral baiano e capixaba em um berçário gigante. Olhando para fora, o Rio Tâmis, em Londres, que já foi declarado biologicamente morto no meio do século passado, um esgoto fétido correndo pelo coração do império, hoje abriga focas, cavalos-marinhos e até filhotes de tubarão.

Esses exemplos não apagam a urgência do aquecimento global nem absolvem as autoridades do seu atraso vergonhoso com o saneamento básico. O Dia Mundial dos Oceanos não pode ser apenas uma data para romantizar a resiliência da água salgada. Deve ser um lembrete do quão ridícula é a nossa arrogância em achar que podemos destruir a base do nosso ecossistema e sair impunes. Mas essas pequenas grandes vitórias nos provam que o fatalismo é uma escolha preguiçosa.

A recuperação da Baía de Guanabara ou do Tâmis mostra que as coisas podem, de fato, melhorar quando a pressão certa é aplicada, quando projetos de despoluição são levados a sério e quando a natureza ganha um milímetro de trégua. O mar não guarda rancor, ele apenas reage às leis da física, da química e da biologia. Se pararmos de envenená-lo, ele começa a se curar.

Então, ao lembrar do Dia Mundial dos Oceanos hoje, permita-se a frustração. Reclame do descaso, exija saneamento básico de quem pediu seu voto, e se preocupe com o aquecimento global que está fritando o calendário. Mas permita-se, também, o maravilhamento. Lembre do cavalo-marinho na Urca. Lembre que, apesar de todo o nosso esforço em fazer tudo dar errado, a vida, teimosa e esplêndida, ainda insiste em nadar contra a correnteza. E se ela insiste, quem somos nós para jogar a toalha?

Para Hoje

Reserve um tempo e vá assistir ao documentário “Professor Polvo” (My Octopus Teacher). Ele captura perfeitamente essa conexão improvável, crua e bela entre o nosso mundo e o universo submerso que a gente tanto ignora. É um alívio para a mente e um belo tapa na cara do nosso ego.

Ficou pensando naquele canudo de papel que desmanchou no seu suco enquanto lia isso? Manda esse texto para aquele seu amigo que vive debatendo política ambiental no bar, mas esquece de separar o lixo reciclável. Vamos espalhar um pouco de reflexão (e ironia) no grupo do WhatsApp hoje.

A vida urbana é um roteiro cheio de furos, mas a gente tenta encontrar o humor e a beleza nos bastidores. Se você curtiu esse papo, vem me acompanhar por aí. Sempre tem uma crônica nova, uma observação sarcástica e nenhuma dancinha coreografada. Segue a gente e não perde a próxima reflexão de esquina!